

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: ornitorricando discursos no campo da formação de professores

Reasoning Dictionary of Bachelor Degrees: ornithorhincusing discourses in the field of teachers' qualification

Luciano Bedin da Costa¹Claudia Madruga Cunha²

Resumo: Este artigo analisa uma pesquisa que tem investido em incentivar os licenciandos a expressarem aquilo que excede nos discursos da formação de professores. Tendo Roland Barthes, Michel Foucault e Gilles Deleuze como intercessores, detém-se em pensar a escrita enquanto provocação, ferramenta que põe em movimento e movimentam o excursus dos discursos mais sedimentados acerca da educação, que dizem da figura do professor nos dias atuais. Traz percepções que resultam de um exercício de estranhar o que se diz a respeito do “ser professor”. Desenvolvida junto a estudantes de licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem feito da escrita e do escrever, reunidos pelo conceito de fantasia, um dispositivo de intervenção. Dando forma a esse exercício de estranhamento, nomeado ornitorricar, uma vez que se utiliza da figura do ornitorrinco, cria o Dicionário Raciocinado das Licenciaturas, que se inspira em alguns procedimentos operados pela *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, de Denis Diderot e Jean d'Alembert. Composto por quatro Tomos e com um total de noventa e três licenciandos participantes, agencia uma produção coletiva de textos na forma de verbetes, resultado de provocações filosóficas e literárias. O ornitorrinco surge no projeto como imagem-guia, espécie de imagem-conceito que sintetiza a força de estranhamento e o trabalho do desconhecido, qualidades vitais à docência e, por conseguinte, à formação de professores. Tal desafio tem convocado os estudantes a se perceberem e a escreverem sobre essa experiência de tornar-se professor. Ao invés da simples denúncia, os verbetes que compõem o dicionário são um convite ao estranhamento dos lugares comuns que compõem a formação de professores, uma solicitação a *ornitorrincarem* concepções e experiências docentes.

Palavras-chave: Licenciaturas; Escrita; Discursos; Verbetes; Dicionário.

Abstract: This article analyzes a research that has invested in encouraging students to express what it exceeds in discourses of teachers' qualification. Based on Roland Barthes, Michel Foucault and Gilles Deleuze as intercessors, it stands by thinking the writing as defiance, a tool that put in movement and move the excursus of discourses more sedimented about education, the ones that says about the figure of the teacher in the present days. It brings perceptions that results of an exercise of marveling what is said about “being teacher”. Developed with students of graduation from a Federal University of Rio Grande do Sul has made of the writing and to write, gathered in fantasy, a dispositive of intervention. Giving shape to this exercise of marveling, named as “to ornithorhincusing”, once it uses the

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Cabeça de Criança: arte, educação, filosofia e infâncias (AEFI). Doutorado em Educação pela UFRGS (2011). Mestrado em Educação pela UFRGS (2006). Graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: bedin.costa@gmail.com

² Professora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no Setor de Educação profissional e Tecnológica e Mestrado Profissional em Educação: Teoria e Prática de Ensino. Licenciada em Filosofia pela UFPel (1990). Mestre em Filosofia pela PUCRS (1998). Doutorado em Educação pela UFRGS (2006). Pós-doutora pela Universidade do Porto (2016). Faz parte do Grupo Escrita e Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS); do Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR).

figure of the ornithorhyncus, it creates the Reasoning Dictionary of Bachelor Degrees, inspired by some proceedings operated by the *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers* from Denis Diderot and Jean d'Alembert. Composed by four volumes and a total of 93 participating, it arranges a production of texts in the form of entries the result of philosophical and literary provocations. The ornithorhyncus appears in the project as a guide image, kind of concept-image that synthetizes the estrangement force and the work of the unknown, vital qualities to teaching and, consequently, to teachers' qualification. This challenge has summoned students to perceive themselves and to write about this experience of becoming a teacher. Instead of a simple complaint, the entries which composes the dictionary are an invitation to strangeness of the common places that composes teachers' qualification, a request to "ornithorhyncate" teaching conceptions and experiences.

Keywords: graduation/Bachelor Degree; Writing; Discourses; Entry; Dictionary.

Introdução

Quando envolvidos com a formação de professores, seja no nível da graduação ou da pós-graduação, fica fácil perceber a recorrência de certos discursos, ditos e escritos, que comumente associam essa profissão à linguagem pré-formada que antecipa uma tonalidade ao ser e ao tornar-se professor. Nas salas de aula das licenciaturas, nas quais se ministra disciplinas em prol de ensinar a "ser professor", costumamos ignorar os vazios e o que estranhemos nesses discursos com os quais reproduzimos um modo de "ser professor". O que chamaremos aqui de "ontologia docente" é resultado de enunciações oriundas de lugares diversos, muitas vezes reforçadas por parâmetros e políticas educacionais. Trata-se da produção de consensos discursivos que mobilizam e que também imobilizam o fazer-pensar docente acerca do que a docência efetivamente pode, contribuindo para a criação de imaginários sociais mais ou menos sedimentados acerca do que é ser ou tornar-se professor ou professora, imaginários carregados de valores e de peso moral. As disposições narrativas que expressam o professor, dizem desse e antecipam no discurso modos e possibilidades de construção de uma prática docente, numa espécie de tutela discursiva. Embora nos produza certo desconforto, sutilmente contribuímos com a reprodução de tais determinações, que, para além de expressar o que dá caráter à ação da docência, previamente a julgarmos, impondo a essa profissão modos e direções que a pré-determinam. Esse desconforto, que por aqui será chamado também de estranhamento, excede o discurso que tenciona o ser professor, assim como as práticas do ensinar e aprender que implicam as condições de ser ou de tornar-se professor.

A linguagem, neste sentido, contribui para o construto de tal ontologia docente, para a criação de uma concepção de "ser" que, ligada a essa profissão, alivia dela as diferenças que marcam cada sujeito, suas práticas e experiências decorrentes. E será este professor ou professora que a linguagem tornará um ente ideal, abstraídos de vida, reproduzindo e replicando uma marca incondicional a quem se aventura pelo campo da docência. Pensar o estranhamento em meio a tudo isso não nos parece negar ou contradizer este ideal, mas partir dali onde tais ontologias docentes parecem gaguejar outra coisa, a zona de disjunção capaz de fazer vibrar palavras e discursos, impondo-lhes outras significações.

A proposta da pesquisa e do dicionário

Reunimo-nos neste artigo para apresentar e analisar os efeitos de uma pesquisa realizada na

Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, por um dos autores dessa narrativa. A pesquisa, desenvolvida junto a licenciandos desta universidade, caracterizou-se por acompanhar e fomentar narrativas docentes por parte dos estudantes, apostando não na produção de discursos, mas na *excursão* da palavra (BARTHES, 2010), no excesso e na exceção do se que diz e se ouve acerca da docência.

Desde o ingresso na universidade, o licenciando vê-se envolto a este ambíguo tecido discursivo e a uma experiência linguística, por vezes violenta e sutil, que o implica em expectativas de modos de ser profissional com a quais terá que lidar. Estamos nos referindo, aqui, aos enunciados do tipo “ser professor é...”, “um professor deve ser assim...”, os quais operam como verdadeiros slogans morais de subjetivação, com e contra os quais os estudantes terão inexoravelmente de lidar. Interessa-nos, aqui, pensar como esta pesquisa, que se dispôs a quebrar com certos modelos associados a estes juízos prévios que se impõem à prática docente, pode facilitar rupturas ou “ranhuras” tendo por recurso a própria linguagem.

Chegou-se, então, à criação de uma coleção, com quatro pequenos livros, intitulada “Dicionário Raciocinado das Licenciaturas”, contendo verbetes escritos por licenciandos dos mais diferentes cursos. Estes estudantes, matriculados em disciplinas de graduação ministradas por docentes participantes da pesquisa, foram instigados a escrever sobre suas percepções acerca da docência e de seus currículos de formação. Por serem disciplinas comuns a vários currículos de licenciatura, tivemos a oportunidade de trabalhar com um público bastante heterogêneo, com estudantes de cursos como matemática, física, química, ciências sociais, letras, biologia, geografia, pedagogia, história, dança, artes visuais e teatro.

Com inspiração em Roland Barthes, foi organizada uma proposta metodológica que apostasse na ideia de que é possível provocar a estrutura da língua habitando esta mesma língua. Como bem sinaliza este autor, trata-se de fazer uso da escrita e literatura para “trapacear com a língua, trapacear a língua” (BARTHES, 2007, p.16). A ideia não implicava lutar contra tais consensos discursivos, mas jogar com eles através da escritura, fazer ressoar e sensibilizar a escuta do ruído que brota ali onde parece ecoar somente um grande e uníssono eco. Como apresentado no *Discurso Preliminar* do Tomo I do Dicionário: “O problema não está nas bobagens que você diz ou escuta, nas asneiras, silêncios e não ditos, mas na necessidade de dizer sempre do mesmo lugar” (COSTA, 2013a, p.25).

Sensibilizando estados de escrita: os verbetes

Ao discorrer sobre a topografia de determinados discursos, Foucault utiliza a expressão “grandes edifícios” (2011, p. 44) para designar as estruturas que garantem a distribuição dos sujeitos em determinados conjuntos discursivos. Ainda que não estejam necessariamente ligados a uma arquitetura física (embora não estejam alheios a esta), estes grandes edifícios discursivos mostram-se eficazes e extremamente concretos.

Materializar os ruídos da linguagem tem a ver com o conceito de dispositivo, criado por Foucault (2009) e desdobrado em Deleuze (1990; 2005). Esses autores nos oferecem ferramentas para pensar esse conjunto heterogêneo que englobaria, ao mesmo tempo, arquitetura, instituições, discursos, enunciados

científicos, proposições morais, leis, decisões regulamentares, hábitos e senso comum. “Eu suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 2009, p. 244).

Foucault (2009), especialmente, permite pensar que o texto como dispositivo nos conduz a uma ética da escritura, pois o ato de escrever passa a ser mais do que um exercício de comunicabilidade e transmissão de uma ideia. Pensar a escrita enquanto dispositivo leva-nos a conceber o escrever enquanto atividade que carrega consigo as estratificações discursivas, tornando-se, ao mesmo tempo, uma prática disjuntiva e disruptora destes mesmos discursos. Em outras palavras, aquele que escreve consolida determinado estado de coisas (ao partilhar signos de uma língua comum), podendo atuar igualmente em sua desestratificação, habitando micro ou macro rachaduras de suas vigas.

Nessa perspectiva, é-nos dado a compreender que o reconhecimento do discurso do licenciando não significa um deslocamento do poder, mas uma retomada do poder da fala que interfere e é interferida por uma subjetividade que o compõe, outrora destinada ao gestor ou à figura do professor. Não obstante, em nenhum momento, o dicionário pretendeu ser *a* voz ou *uma* síntese do que pensa o licenciando. Em outras palavras, o que se tentou alcançar na multiplicidade de discursos discentes éramos ruídos de experiência, aquilo que foge e que gagueja nos discursos que definem a docência e o ser/tornar-se professor, e que muitas vezes não encontra espaço para expressão ao longo de uma formação.

Um outro “enciclopedismo”: modos de usar

Ao longo dos três anos da pesquisa (2013 – 2015), os licenciandos foram provocados a olhar e escutar suas trajetórias nas licenciaturas, instigados a perceber os espaços onde se situam e os discursos que os constituem. Deste exercício de estranhamento, surgiram perguntas bastante caras à pesquisa: de que forma é possível entrar em contato com rumoroso tecido discursivo discente das licenciaturas garantindo-lhes certa autonomia e assinatura? Como, nesta grande e sedimentada massa discursiva chamada licenciatura, podemos convocar outros olhares e fazer com que os estudantes escrevam e registrem esses movimentos de desvio?

Inspirados em Foucault (2009), Deleuze (1990; 2005) e Barthes (1979; 1982; 2003; 2004; 2010), assumimos, enquanto fantasia de pesquisa, o enciclopedismo iluminista, operando com o que Deleuze (1992) chamava de fazer um filho pelas costas. Trouxemos para formação de professores alguns procedimentos do projeto enciclopédico dirigido por Denis Diderot (2011) e Jean d’Alembert (1965), não nos sujeitando aos pressupostos racionalistas e humanistas caros ao pré-iluminismo que representam a obra destes dois autores e que até hoje se desdobram na romantização do papel do professor e das práticas docentes. A grande enciclopédia iluminista – *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*³ – serviu-nos enquanto mera inspiração operatória, permitindo-nos – sob a tal ótica do

³ A *Encyclopédie ou Dictionnaire Raciocinado das Ciências, Artes e Ofícios*, editada por Diderot e D’Alembert, teve um total de 28 volumes, composta por 71.818 verbetes e 2885 pranchas ilustrativas. Obra suprema do iluminismo setentista que, por seu caráter racionalista e crítico, foi considerada herética pela igreja e combatida vigorosamente pela monarquia francesa.

“fazer filho às costas” – *transverteros* ideais humanistas e racionalistas em fantasia de escrita e de pesquisa. O conceito de fantasia é aqui retirado de Barthes (2003), permitindo-nos pensar naquilo que dá origem a qualquer trabalho. Para o escritor, a fantasia seria a matéria iniciática de qualquer projeto, espécie de território imaginário capaz de mover o pesquisador no titubeante e arriscado exercício de sua pesquisa.

Uma fantasia: uma volta de desejos, de imagens, que se rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda, e frequentemente só se cristalizam através de uma palavra. A palavra, significante maior, induz da fantasia à sua exploração. Sua exploração por diferentes bocados de saber = a pesquisa, A fantasia se explora, assim, como uma mina a céu aberto. (BARTHES, 2003, p. 12).

Fantasiando a docência: os quatorze procedimentos

Na ação de provocar uma escuta/escrita dos ruídos – algo que fugisse aos modelos convencionais propostos na academia –, não se pretendeu fazer uma coleta ou análise dos discursos em licenciatura segundo critérios iluministas, mas tomar a própria “Enciclopédia dos Iluministas” como dispositivo para movimentação dos discursos dos licenciandos. Impondo-se o desafio de construir uma espécie de dicionário universal e raciocinado de seu tempo, Diderot e D’Alembert constituíram uma poderosa maquinaria política, agenciando uma série de colaboradores para que seu projeto tomasse corpo. Os vinte e oito Tomos do dicionário iluminista foram produzidos à sombra de determinados procedimentos, tornando possível agenciar uma miríade de autores e estilos em uma única coleção. Coube-nos, então, mapear alguns destes procedimentos e trazê-los para o campo de nossa fantasia, contribuindo para a criação de uma metodologia capaz de fazer operar nossa fantasiosa engenhoca de pesquisa. Os procedimentos iluministas inspiradores à produção do nosso dicionário foram:

a) *Procedimento de solicitação* ou da não exigência: “uma Enciclopédia não se exige. É um trabalho que requer antes ser acompanhado com obstinação, que começa com calor” (DIDEROT, 2011, p.43);

b) *Procedimento de agenciamento coletivo*: “Um dicionário universal e raciocinado das ciências e das artes não pode, portanto, ser a obra de um homem só”(DIDEROT, 2011, p. 128);

c) *Procedimento de estilo*: “As diferentes mãos que empregamos aposeram a cada artigo como que o sinete do seu estilo particular” (D’ALEMBERT, 1965, p. 130);

d) *Procedimento de fraternidade do espírito*: “uma rara fraternidade de espírito, colegas que, sem se conhecerem, parecem concorrer todos por amizade para a produção da obra comum” (DIDEROT, 1994, p. 416);

e) *Procedimento de transdisciplinaridade*: “em qualquer verbete escolhido é preciso expor o gênero ao qual pertence; sua diferença ou qualidade específica; a reunião das qualidades que o constituem, suas causas, seus efeitos; seu objeto, finalidade, usos, singularidades; sua geração, crescimento, vicissitudes, dimensões, perecimento. Um mesmo verbete pertenceria, pois, a várias ciências e campos” (DIDEROT, 2011, p. 172-173);

f) *Procedimento de suspeita*: “É necessário examinar tudo, remexer tudo sem exceção” (DIDEROT, 1994, p. 412);

g) *Procedimento de força da palavra*: “Há palavras que pintam mais forte e completamente do que um discurso inteiro” (DIDEROT, 2011, p. 198);

h) *Procedimento de recolhimento das palavras*: “Eis precisamente onde nos encontramos; e é recolhendo assim palavras por acaso evadidas e estranhas à matéria tratada, especialmente em um autor no qual elas não se caracterizam senão por suas luzes, sua exatidão ou sua indecisão” (DIDEROT, 2011, p. 142);

i) *Procedimento de impermanência das palavras instituídas*: a observação dos seres da natureza e da experiência faz “variar, por consequência, as acepções das palavras instituídas; tornam as definições dadas inexatas, falsas, incompletas e determinam até mesmo a instituição de novas” (DIDEROT, 2011, p. 134);

j) *Princípio da anti-monotonia*: “Apesar da diversidade das acepções, cada artigo assim tratado formará um conjunto e, apesar desta unidade comum a todos os artigos, não haverá nem muita uniformidade nem monotonia” (DIDEROT, 2011, p. 172);

k) *Procedimento de trevas*: “não se pode provar nem definir, esclarecer, toldar ou negar, sem perder uma parte da luz que nos iluminava, e dar um passo em direção a trevas que acabarão por ser muito profundas se não se puser algum limite à argumentação” (DIDEROT, 2011, p. 174);

l) *Procedimento do esgotamento*: “as lacunas são, ao meu entender, os maiores defeitos de um dicionário. É preferível que um artigo seja mal feito do que não ser feito. Nada irrita tanto um leitor quanto não encontrar a palavra que procura” (DIDEROT, 2011, p. 185);

m) *Procedimento de singularidade*: “Eu limitaria o caráter geral do estilo de uma Enciclopédia em duas palavras: *communia*, *proprie*; *própria*, *communiter*⁴. Conformando-se a essa regra, as coisas comuns seriam sempre elegantes; e as coisas próprias e particulares, claras” (DIDEROT, 2011, p. 211);

n) *Procedimento de insuficiência diante da experiência*: “(...) haverá mais espírito na conversa do que aquilo que muitos autores introduzem em seus escritos, que doze volumes da Enciclopédia terão aparecido e estaremos ainda na primeira letra de nosso vocabulário” (DIDEROT, 2011, p. 130);

o) *Procedimento de limite*: “(...) uma Enciclopédia, assim como um vocabulário, deve ser iniciado, continuado e finalizado em um certo intervalo de tempo” (DIDEROT, 2011, p. 132).

Os resultados: quatro Tomos do dicionário

Os quatro Tomos do Dicionário Raciocinado das Licenciaturas foram publicados em formato brochura, contabilizando um total de 98 verbetes. A escolha destes verbetes, realizada coletivamente por nossa equipe, deu-se através de critérios como: qualidade textual, potencial crítico, inventividade e heterogeneidade de cursos em cada Tomo. Os Tomos foram financiados mediante fomento de pesquisa, solicitados em diferentes momentos da pesquisa e distribuídos de forma gratuita. Faz-se necessário explicitar que toda a construção dos Tomos foi realizada por meio de um esforço coletivo da equipe,

⁴ “As coisas comuns ditas de maneira particular; as coisas particulares, de maneira comum”.

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: ornitorricando discursos no campo da formação de professores

compreendendo: 1) seleção e curadoria dos verbetes; 2) revisão textual; 3) diagramação; 4) ilustrações; 5) capa e arte final.

Tomo I: Aulas da FACED

Figura 1. Capa e contracapa do Tomo I



O Tomo I, “Aulas da FACED”⁵, foi publicado em junho de 2013 com uma tiragem de 500 exemplares. Diferentemente dos demais, esse Tomo foi todo escrito pela nossa equipe, uma forma que encontramos de dar visibilidade à pesquisa e fomentar escritas vindouras por parte dos licenciandos participantes. Nele apresentamos o verbete ‘Ornitorrinco’, figura disparadora de nossa pesquisa e que acabou se tornando logotipo/estandarte do dicionário.

Com o verbete “Ornitorrinco”, produzido por cinco licenciandos de nossa equipe, damos pistas de como entendemos a presença do ornitorrinco no interior da Faculdade de Educação da UFRGS/FACED. Nossa hipótese inicial, que foi se transformando ao longo do projeto, era a de que a FACED, por lidar com diferentes cursos e didáticas, acabaria funcionando como uma espécie de “ornitorrinco”, tendo em vista a estranheza do animal em questão. Do ornitorrinco, chegamos ao verbo “ornitorrinco”, produzido por

⁵ A Faculdade de Educação da UFRGS/FACED é responsável pelo acolhimento do curso de Pedagogia como também de uma série de disciplinas relacionadas aos demais currículos de licenciatura da universidade.

Saibel (2013, p. 29 – 30), uma estudante de licenciatura em Letras, e que tão bem nos ajudou a pensar tal experiência de estranhamento:

Ornitorrinicar (or.ni.tor.rin.car) v. – Verbo flexionado a partir do nome ornitorrinco. Rima com nadar, olhar, errar, levar, andar, envenenar, poemar, transitar, veranizar. 1. Ato ou efeito de colecionar ornitorrincos. ‘Ornitorrinco desde que entrei na faculdade. Mas ornitorrinicar é uma coisa perigosa, você pode achar o tal ornitorrinco bonitinho, daí você começa a criar intimidade, achar que pode colocar no colo, andar sem coleira por aí, e de repente o bichinho te pica, te envenena de uma forma que te deixa meio adoecido pra sempre e com vontade de ornitorrinicar toda hora. Tem que cuidar, viu?!’ 2. Verbo utilizado pelos corredores, escadas, banheiros e salas de aula no intento de definir algumas ações-sem-nome praticadas nesses ambientes. ‘Saí meio incomodada daquela aula, a professora falou uma coisa que... sei lá, me ornitorrincou, sabe?!’. ‘A gente acha que não, mas tem muita gente ornitorrincada por aí depois das aulas’. 3. Estranhar (-se), afetar (-se), quebrar (-se), ferir (-se).

Aos poucos, fomos entendendo que se fazia necessário ir além da simples constatação do “estranho”, mostrando-se pungente “ornitorrincarmos” o próprio ornitorrinco; ou seja, fazermos a estranheza falar na figura do estranho. Em outras palavras, não bastava dizer do estranhamento, mas produzir o próprio estranhamento. Uma das alternativas para fazer o “ornitorrinco ornitorrinicar” nos pareceu o exercício de escritura, uma forma de dar voz ao estranho que habita palavras e discursos sobre as licenciaturas e seus currículos específicos. É o que intentamos no convite que fizemos aos alunos ao longo da pesquisa, de “ornitorrincarem as aulas da FAGED” através da escritura e do contato com a literatura.

Tomo II: Mais aulas da FAGED

Figura 2. Capa e contracapa do Tomo II



O Tomo II, “Mais aulas da FAGED”, foi publicado no final de 2013 com um total de 500 exemplares. O título é uma provocação à forma como muitas vezes os licenciandos relacionam-se com a Faculdade de

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: ornitorricando discursos no campo da formação de professores

Educação, atribuindo às tais “aulas da FAGED” o rótulo de ser teórica, enfadonha e utópica demais. No verbete “Abobrinha”, escrito por um licenciando em Letras, essa questão torna-se bastante evidente:

Portanto, a grande questão talvez não esteja em pararmos de acusar a educação de ser uma grande “abobrinha”. Quem sabe se mudássemos a visão desta abobrinha achatada, feia, de cor esquisita, engraçada (aos que a veem assim) para a visão de algo sublime: um doce de abobrinha, uma carne recheada de abobrinha, um suco delicioso de abobrinha e menta, enfim... Pode a educação ser como uma deliciosa e succulenta abobrinha? (BESCHORNER, 2013b, p. 23).

Além do verbete “Abobrinha”, o tomo II conta com vinte e quatro textos produzidos por licenciandos participantes da pesquisa, a saber: A3, Aquário, Avon, Chão, Dança, Descobrir-se, Dispersão, 46, Distanciamento, Dúbia, Eco (ecooo), Ensino, Entediante (azul), Entre, Entrelinhas, Escada, Escadarias, Fábulas e Reencontros, Farinha, Figurante, Fita cassete, Futurista e Inocência.

Tomo III: Ainda mais aulas da FAGED

Figura 3. Capa e contracapa do Tomo III



O Tomo III, “Ainda mais aulas da FAGED”, foi publicado em abril de 2014 com um total de 500 exemplares. Esse tomo contou com vinte e cinco verbetes, a saber: Insetos, Kinder Ovo, Lilica, Maçaneta, Magro, Matrícula, Medeia, Morrido, Neófito, Olhares, Ontologia Torta, Outubro de 1995, Pão, Perder-se, Plenitude, Prendedor, Receita, Reticências (...), Salta, Senha, Sorriso, Thais, Tipuana, Trono e Veranizar. A

temática do cotidiano é algo bastante recorrente nos verbetes que compõem esse Tomo, revelando palavras que saltam do cotidiano, atribuindo-lhe outros sentidos. Tal como o verbete “Saltar”, escrito por uma licencianda em Geografia:

Será que são as coisas que nos saltam, ou somos nós que saltamos na presença das coisas? Onde algo salta é porque há uma faísca de desejo, uma ponta de curiosidade, uma intriga, uma coceira, um sussurro para perseguir; sem paixão, nada salta, só pula. A arte está em encontrar (na FAGED e fora dela) essas pessoas, olhares, perguntas que te dão, não uma ordem, mas quase um convite indecoroso: salta. (CORSEUIL, 2013c, p. 80).

Tomo IV: Aulas da FAGED, outra vez

Figura 4. Capa e contracapa do Tomo IV



O Tomo IV, “Aulas da FAGED, outra vez”, foi lançado em março de 2015 com um total de 500 exemplares. Esse foi o maior dos Tomos, contabilizando 47 verbetes. Como nos anteriores, verificou-se, em muitos dos textos, a ambiguidade que envolve a experiência de cursar uma licenciatura. A relação entre a novidade e o antigo, entre a repetição e a força do inusitado são temas que mobilizam muitos dos verbetes desse Tomo, como no caso de “Anti(gás)”, escrito por um licenciando de Ciências Sociais.

Licenciatura. Expectativa: sala de aula, muitos, muitos alunos, conteúdo, disciplina, prática. Além das aulas sobre Línguas e Literatura, algumas específicas sobre EDUCAÇÃO. Uma pilha de renovar todo o sistema, imediatamente. Um balde de água. Gelado. Movimento anti. Anti-gás (...) Esvaziar para aprender a renovar. Gás tem validade? Talvez o antigo gás, meio infantil ainda, seja totalmente explosivo, não construtor. Aliás, gás não constrói nada. Só as impulsiona. Antes de sair correndo para revolucionar o universo inteiro, quiçá seja mesmo útil se esvaziar. Ouvir as antigas histórias. Mas

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: ornitorricando discursos no campo da formação de professores

com o cuidado para que o antigo não seja anti-gás, mas, sim, um catalisador e construtor de dutos que levem nossas forças aos melhores caminhos. Aos melhores projetos. Às explosões que valem a pena (SCHMITT, 2014, p. 29-30).

Ornitorricando ontologias docentes

Sugere-se brincar com todos os verbos. Brincar com muitos adjetivos. Brincar junto a sujeitos. Bolhas de sabão. Mãos que só podem moldar bolhas de sabão. Implica a experiência pela paixão. Experiência pelo coração? Experiência pelo desejo de algum encontro? Nenhum de nós teria como definir antecipadamente do que se trata ornitorricar, talvez um grupo de ornitorrincos, sim, em grupo, poderiam produzir conceitos, conversações, leituras e escrituras sobre este tema. (GAI, 2013c, p. 11).

A proposta dos dicionários nos fez repensar (e, sobretudo, experimentar) a aula enquanto espaço potencial, em espacialidades que, embora partam do que é verificável fisicamente, não se reduzem a esta dimensão. Tratou-se, a nosso ver, de uma excursividade da palavra (BARTHES, 2010) que, em primeira (e última) instância, foi também uma excursividade da existência. A palavra para fora (*ex*) do seu curso (*cursus*) nos parece também uma estratégia de resistência, ou ao menos de não aderência, a determinados discursos que ontologizam a figura do professor em um imaginário recheado de senso comum, moralidade e de já ditos. A excursão, ou a ornitorrincação da palavra, pareceu-nos uma experimentação capaz de produzir o que Rodrigues (2013c), licenciando em Ciências Sociais, chama de “Ontologia Torta” (2013c, p. 56), espécie de contraponto às ontologias retas, estas que “nidificam o ser – indivíduo – o estudante no espaço que ali se encontra, muitas vezes, por obrigação”. Em termos subjetivos, a produção dos verbetes pareceu-nos também uma excursividade do lugar de fala – ao invés daquele que tagarela palavras de ordem, o lugar daquele que se vê em situação de enunciação, implicado por aquilo que escreve, pela palavra a ele confiada e destinada a ser ornitorrinçada⁶.

A escritura, publicação e compartilhamento dos verbetes operaram enquanto dispositivos de deslocamento de perspectivas, tornando os licenciandos autores e atores de uma formação em licenciatura, ornitorricando suas próprias trajetórias através do tortuoso e desviante exercício existencial provocado pela escritura.

Uma ontologia torta é isso: é o ser em si mesmo com o brilho nos olhos. Com professores afudê, com Kant, com Heidegger, com Sartre, com risadas e copos quebrados. Um bar cheio e repleto de efervescências de seres que não querem mais estar dormindo. Ontologias tortas são constituídas por bares e pessoas conversando fiado. São poemas não terminados. São frases que se querem prontas, mas que na sua essência são intermináveis (RODRIGUES, 2013c, p. 56-57).

Olhando para trás e para frente...

Para além de verdades acerca do que “pensam os estudantes de licenciatura”, com o dicionário nos deparamos com a tortuosa força de embaralhamento dos lugares que envolvem a complexa e desafiadora trajetória de tornar-se professor. Sujeito e objeto, professor e aluno, ensinar e aprender – estas são dicotomias que, na experiência formativa das licenciaturas, parecem o tempo todo borrar suas próprias

⁶ Os procedimentos de escrita dos verbetes envolveram, em sua grande maioria, a escolha de uma palavra e seu respectivo manejo (torção), assumindo-a para além de seu curso comum.

margens, expondo a fragilidade potente de suas fronteiras. Nossa aposta era a de que, na escrita, o suposto frágil desta ontologia docente pudesse ser evocado enquanto potência, complexificando o que, à primeira vista, parece ser território de uma duvidosa e angustiante incerteza.

Finalizamos este artigo com o verbete “Ensino”, produzido por um aluno da licenciatura em Física, e que expõe de modo bastante criativo a problemática supracitada, levando-nos a apostar na desaprendizagem inerente a quem, como os autores de nosso dicionário, aventura-se a colocar suas certezas em xeque.

- Me ensina o que é ensinar?
- Ensinar é quando uma pessoa mais velha mostra para uma mais nova o que é certo e o que é errado.
- Mas a pessoa mais velha pode “tá” errada?
- Pode.
- Daí é ensinar também?
- Não, daí não.
- E ensinar é só do mais velho pro mais novo?
- Não, os mais novos podem também ensinar os mais velhos.
- Como assim?
- Ensinar pode ser quando alguém sabe uma coisa que a outra pessoa não sabe, e às vezes os mais novos sabem coisas que os mais velhos não sabem.
- Hmmm... Então pra ensinar eu preciso saber o que eu quero ensinar?
- Hmmm... Não precisa, tu podes ensinar sem saber que está ensinando.
- E como eu vou saber se eu “tô” ensinando?
- Não vai.
- Nunca?
- Não nunca, mas tem vezes que a gente ensina sem querer ensinar.
- Então pra ensinar eu não posso querer ensinar?
- Pode querer, mas pode não querer também. Depende de quem vai aprender.
- E pra aprender tem que querer?
- Não também, a gente pode aprender sem querer.
- E o que é mais difícil: aprender a ensinar ou ensinar a aprender?
- Não sei.
- Tu sabes alguma coisa?
- Eu achava que sabia.
- Mas a gente não tem certeza quando sabe alguma coisa?
- Eu achava que sim.
- Não “tô” entendendo.
- Qual parte tu não entendeste?
- Tudo.
- Tudo?
- Não. Nada!
- Ai, ai, ai...
- Então tu não sabes me ensinar o que é ensinar?
- Olha, eu sabia mas desaprendi.
- E o que é desaprender?
- É quando a gente percebe que algo ainda não nos foi ensinado.
- Ah, tá. Entendi agora. (NEME, 2013, p. 57-59).

Referências

- BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARTHES, Roland. **Sollers escritor**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: UFC, 1982.
- COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo I. Aulas da FAGED. Gráfica da UFRGS: 2013a
- COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo II. Mais aulas da FAGED. Gráfica da UFRGS: 2013b.
- COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo III. Ainda mais aulas da FAGED. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013c.
- COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo IV. Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2014.
- CORSEUIL, Luciana. Salta. In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo III. Ainda mais aulas da FAGED. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013c, p. 78-80.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. Qué es un dispositivo? In: BALBIER, E., DELEUZE, G., DREYFUS, H.L. *et alii*. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a História da Sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- GAI, Daniele Noal. Pontinhos e asteriscos para por em relevo neste que Tomo. In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo III. Ainda mais aulas da FAGED. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013c, p.8 – 13.
- DIDEROT, Denis. **Obras VI**: o enciclopedista – arte, filosofia e política. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- D’ALEMBERT, Jean. **Discours préliminaire de L’Enciopedie**. Paris: Gonthier, 1965.
- NEME, Guilherme. Ensino (verbete). In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo II. Mais aulas da FAGED. Gráfica da UFRGS: 2013, p. 57-59.
- RODRIGUES, Juliano M. Ontologia Torta (verbete). In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo III. Ainda mais aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013c, p. 54-57.
- SAIBEL, Lorena M. Ornitorrinicar (verbete). In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo I. Aulas da FAGED. Gráfica da UFRGS: 2013a, p. 29-31.
- SCHMITT, Gabriel. Anti(gás). In: COSTA, Luciano Bedin da (org). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**. Tomo IV. Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2014, p. 29-30.